

# Siegfried Kracauer: cinema e método

## Siegfried Kracauer: cinema and methodology

Icaro Yure Freire de Andrade<sup>1</sup>

PPGS/UFPB: <https://orcid.org/0000-0003-2311-656X>

DOI: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2019v2n25ID18175>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar apontamentos sobre a sociologia do cinema exposta por Siegfried Kracauer e sua atualidade crítica. O cinema mais que nunca ocupa um lugar de centralidade na produção cultural contemporânea, sendo um dos principais artefatos culturais que organizam a experiência social recente. Kracauer tanto nos seus ensaios sociológicos presentes em “O ornamento da Massa” (2009) como em sua grande obra de análise crítica do cinema alemão “De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão” (1988), traz à tona uma metodologia de análise cinematográfica e das imagens que são produzidas nestes produtos, ao relacionar elementos que compõem o conteúdo destas obras com a forma que a mesma assume e com elementos exteriores a obras - suas condições sociais históricas, como também a relação entre produção cultural e valores sociais. Desta forma a sociologia do cinema proposta por Siegfried Kracauer apresenta ferramentas metodológicas que permitem analisar as obras cinematográficas e audiovisuais contemporâneas a partir da relação entre imagens e experiência social.

**Palavras-chave:** Cinema. Sociologia da Cultura. Teoria Social

### Abstract

The present article aims to present notes on the sociology of cinema exposed by

---

<sup>1</sup> E-mail: [icaroyuresocio@gmail.com](mailto:icaroyuresocio@gmail.com)

Siegfried Kracauer and his critical actuality. Cinema more than ever occupies a place of centrality in contemporary cultural production, being one of the main cultural artifacts that organize the recent social experience. Kracauer in his sociological essays "The mass ornament: Weimar essays" (2009) and in his great work of critical analysis of German film "From Caligari to Hitler: A Psychological History of the German Film" (1988), brings to the surface a methodology of cinematographic analysis and of the images that are produced in these products, by relating elements that compose the content of these works with the form that it assumes and elements external to works - their historical social conditions, as well as the relation between cultural production and social values . This way the sociology of cinema proposed by Siegfried Kracauer presents methodological tools that allow to analyze contemporary cinematographic and audiovisual works from the relation between images and social experience.

**Keywords:** Cinema. Sociology of Culture. Social Theory.

## Introdução

Siegfried Kracauer assim como boa parte de seus contemporâneos intelectuais judeus alemães, foi um exilado. Com a vitória de Hitler na Alemanha o autor e sua esposa viram-se obrigados a saírem do seu país, ficando de 1933 a 1941 na França e depois nos Estados Unidos até 1966 ano de sua morte. Como apontado por Carlos Eduardo Jordão Machado (2006) é no período de exílio em que o autor produz suas obras mais importantes entre elas: “ *De Caligari à Hitler*” (1947).

Costumeiramente suas obras são relacionadas com o que ficou conhecido como escola de Frankfurt. Apesar de proximidade intelectual e pessoal com teóricos como Walter Benjamin<sup>2</sup> e Theodor Adorno<sup>3</sup> , Kracauer ficou relegado a um lugar de menor prestígio, a um status de “outsider” nos anais da teoria social ao mesmo tempo em que suas análises culturais centram-se em objetos sociais que vão desde a arquitetura, passando pela literatura e por fim chegando ao cinema - onde construiu um arcabouço epistemológico e metodológico muito conciso.

<sup>2</sup> Tanto Benjamin quanto Kracauer foram alunos do sociólogo alemão Georg Simmel.

<sup>3</sup> Kracauer foi quem orientou Adorno nas suas leituras da Crítica da Razão Pura de Emanuel Kant. Para essas e outras curiosidades sobre a trajetória deste autor, indicamos a leitura do artigo “Notas sobre Siegfried Kracauer, Walter Benjamin e a Paris do Segundo Império - pontos de contato” (2006) escrito por Carlos Eduardo Jordão Machado.

Buscaremos no presente artigo discutir as contribuições proporcionadas pela crítica cultural de Siegfried Kracauer, com ênfase na sua análise crítica do cinema. Para além de uma simples associação do cinema enquanto objeto próprio da modernidade, Kracauer expõe uma perspectiva de análise do objeto cinematográfico que tem como base não somente os seus recursos técnicos e estéticos, mas a relevância do conteúdo destas obras associadas às condições históricas em que foram produzidas.

Para o sociólogo alemão os filmes são uma espécie do espelho da sociedade. Afirmção essa que é envolvida por uma série de problemas, mas que não deixa de ter seu momento de verdade quando relacionada a questão dos valores sociais e da relação do cinema com ideologia - uma vez que os valores que são apresentados nas películas cinematográficas refletem dilemas morais como também contribuem para a construção de um imaginário social. Não podemos esquecer o papel de construção de identidade nacional que o cinema alemão - objeto de análise do autor - do período da segunda grande guerra teve na construção do mito da unidade nacional que tanto auxiliou a legitimação do regime nazista na Alemanha pós República de Weimar.

A categoria da experiência aparece como elemento importante da análise social proposta pelo sociólogo alemão e posteriormente adotada por diversos autores tais como Theodor Adorno. Para além das discussões da produção bibliográfica do autor, buscaremos apontar suas principais contribuições para a teoria social contemporânea, tendo como norte uma sociologia que toma o artefato cinematográfico como objeto de análise e a experiência moral como categoria central desta mesma análise.

Tomaremos como base da construção de nosso argumento os ensaios sobre cinema e cultura presentes em *“O ornamento da Massa”* (2009), como também o livro *“De Caligari à Hitler: uma história psicológica do cinema alemão”* (1988) e o ensaio *“Hollywood’s Terror Films: do they reflect an American state of mind?”* (2012). A escolha dos presentes textos se deu pelos períodos em que os objetos culturais analisados - antes da segunda guerra e pós segunda guerra - tendo como objetivo dar ênfase a dimensão histórica que é uma das bases principais de sua teoria e crítica cultural, desconstruindo assim a ideia de um funcionalismo metodológico presente em sua obra.

Visando tornar mais clara a exposição por nós pretendida é necessário discutir

pontos essenciais na obra de Siegfried Kracauer buscando estabelecer uma unidade crítica e metodológica com o objetivo de traçar uma sociologia do cinema que toma a experiência moral como elemento importante de exame crítico. Como também sempre que possível estabelecer conexões entre a sua produção crítica e a de outros autores posteriores - com ênfase nos autores classificados como pertencentes a teoria crítica frankfurtiana - com o intuito de demonstrar a atualidade e importância de suas contribuições para a teoria social e de forma geral para sociologia da cultura.

### Sociologia e superfícies

Kracauer tomou como objeto de suas análises sociais os objetos que na sua época eram tidos como pertencentes a dimensão de marginalidade da produção cultural. As biografias, os filmes, os livros de grande sucesso de público, a nova classe média assalariada, todos elementos pertencentes a uma cultura de massa que ainda emergia enquanto resultado dos desdobramentos históricos e do desenvolvimento de uma racionalidade que ecoava não só nas produções culturais, mas também no desenvolvimento econômico. Segundo o próprio Kracauer,

O lugar que uma época ocupa no processo histórico pode ser determinado de modo muito mais pertinente a partir da análise de suas discretas manifestações de superfície do que dos juízos da época sobre si mesma. Estes, enquanto expressão de tendências do tempo, não representam um testemunho conclusivo para a constituição conjunta da época. Aquelas, em razão de sua natureza inconsciente, garantem um acesso imediato ao conteúdo fundamental do existente. Inversamente, ao seu conhecimento está ligada sua interpretação. O conteúdo fundamental de uma época e os seus impulsos desprezados se iluminam reciprocamente. (P. 91, 2009)

Como muito bem apresentado por Patrícia da Silva Santos (2013) essa centralidade nas manifestações de superfície muito se assemelham as preocupações analíticas cunhadas por Georg Simmel em sua sociologia das formas sociais. Para a socióloga brasileira, Siegfried Kracauer assim como Walter Benjamin tendo essa herança simmeliana em suas análises centram-se em um materialismo muito próprio “(...) menos apegado à ideia de totalidade e mais afeito aos elementos marginais” (p. 491).

Siegfried Kracauer acreditava que esses objetos culturais não representavam o declínio da sociedade como alguns profetizavam, mas sim indícios preciosos das mudanças a nível social e histórico decorrentes dos desdobramentos resultantes do

processo da modernidade. O que queremos afirmar aqui não é que para Kracauer esses desdobramentos dos processos da vida moderna tivessem uma perspectiva positiva, mas que eles apresentavam fortes indicações que trariam “luzes” a compreensão destes novos problemas e dilemas que se apresentavam socialmente. Estes objetos culturais ou objetos de análise, trariam consigo os caminhos para se poder compreender as mudanças que se operavam naquele momento na sociedade.

São nesses objetos negligenciados pelo seu caráter “superficial” que o autor traça sua análise e os respectivos diagnósticos sobre a experiência social da vida moderna. Não só no desenvolvimento de uma *ratio*, que muito se assemelha à *aufklärung* criticada por Adorno e Horkheimer (2006), mas nos desdobramentos desse *ethos* no plano econômico<sup>4</sup> e cultural entre eles o desenvolvimento de uma nova classe média proletarizada e burocrática.

Era do interesse do autor entender como a ideia de mecanização se apresentava tanto como um regime socioeconômico como também em forma de discurso cultural voltado para as massas, que constituía uma forma moderna do coletivo (HANSEN, 2007). Em seu ensaio intitulado “*O ornamento da massa*” (1927), o autor discute os desdobramentos do desenvolvimento de uma racionalidade técnica aliada ao desenvolvimento do sistema capitalista e as consequências acarretadas deste desenvolvimento. A percepção do alargamento de uma cultura de massa assim como da própria massa aliada a temas marxistas como a alienação e o fetichismo da mercadoria conjuntamente a percepção weberiana do desenvolvimento da racionalidade instrumental já estão presentes neste ensaio de forma discreta.

O processo de produção capitalista é fim em si mesmo tal como ornamento da massa. As mercadorias que produz não são, na verdade, produtos para serem possuídos, mas somente para ampliarem o lucro, que se quer ser ilimitado. O seu crescimento está ligado àquele da empresa. O produtor não trabalha para um ganho pessoal, do qual pode usufruir só em escala mínima - na América o lucro excedente é destinado a instituições culturais como bibliotecas, universidades etc. onde se cultivam intelectuais que, com sua atividade futura, restituirão o capital antecipado com juros sobre juros {Zinseszinsen} - o produtor trabalha para engrandecer a empresa. Que produza valores não ocorre em razão do valor. Se antes, até certo ponto, o trabalho servia para produzir e consumir esses valores, eles passaram a ter efeitos secundários a serviço do processo produtivo. (KRACAUER, 2009, p. 9)

Tanto a fragmentação da vida que é resultado de uma sociedade que

<sup>4</sup> No ensaio “*O ornamento da Massa*” (1927) a relação entre *ratio* e mito é estabelecida, trazendo à lembrança mais uma vez a crítica a racionalidade técnica proposta por Adorno e Horkheimer em sua obra “*Dialética do esclarecimento*” (1947)

estabelece as relações sociais através das demandas produtivas e da divisão cada vez maior do trabalho - tema bastante evocado pelos frankfurtianos assim como também por Georg Simmel - como o surgimento de uma nova classe média que não se enxergava enquanto proletariado e que era resultante da burocratização cada vez maior dos aparatos produtivos, ou seja, nem pertencia a alta burguesia e aos resquícios da aristocracia da sociedade alemã, eram elementos que segundo as análises de Kracauer possuíam ligação entre si.

Kracauer demonstrava uma certa sensibilidade aos problemas que emergiam nos contextos de uma Berlim que se tornava cada vez mais regida pelos ditames do ritmo mecanizado de uma racionalidade irrefutável. Para o autor, “(...) o reconhecimento do processo histórico exigia a construção de categorias partindo-se de dentro, do interior do material de análise; (...).” (HANSEN, 2007, 415). O exame social proposto por Kracauer esboça o modelo crítico adotado posteriormente pela Escola de Frankfurt, que constrói suas análises a partir de categorias inerentes a própria forma social analisada, configurando-se assim como um diagnóstico imanente da sociedade em questão. Não apenas se limitando a analisar os objetos culturais, mas também as relações entre sujeitos e objetos, sejam no consumo dos mesmos seja na produção.

É nesse contexto de análise que o cinema surge como objeto crucial do seu projeto sociológico. Inquestionavelmente reconhecido como “fruto” dos processos técnicos e perceptivos (BENJAMIN, 1996), o cinema surge - como afirma Kracauer inúmeras vezes - como reflexo da sociedade<sup>5</sup>. Os desejos, aspirações, medos, angústias da sociedade aparecem representados de diversas maneiras no cinema, seja em sua possível forma de crítica ou como pura mistificação e fantasmagoria sobre os reais problemas dessa mesma sociedade (KRACAUER, 1988; 2009; 2012). Para entendermos de forma mais clara a metodologia utilizada por Kracauer em sua sociologia do cinema exporemos a seguir os principais problemas que o cinema enquanto instituição cultural cada vez mais estabelecida - estamos falando do período que compreende seus primeiros escritos sobre cinema que vão de 1926 a 1928 - apresenta aos olhos do pesquisador que tomou a cultura de massa emergente como objeto de suas pesquisas.

## Ideologia e Cinema

---

<sup>5</sup> Discutiremos os limites dessa afirmação feita por Kracauer mais adiante.

Em seu ensaio “*O mundo de calicó*”<sup>6</sup>(1926) Kracauer fala sobre a cidade estúdio da UFA em Neubablesberg. Para o sociólogo alemão a própria ideia de composição do filme é resultante da experiência social presente. Assim como o mundo é cada vez mais fragmentado e compartimentalizado pelo desenvolvimento da racionalidade instrumental juntamente com o desenvolvimento do capitalismo, no filme

(...), o mundo é decomposto em pedaços na cidade do cinema. Suas correlações são suspensas, suas dimensões transformadas à vontade, suas potências mitológicas tornam-se diversão [*Spass*]. Assemelha-se a um brinquedo de criança que se monta numa caixa de papelão. A demolição dos conteúdos do mundo é radical e, mesmo que não seja mais do que aparência, não é nada negligenciável. (KRACAUER, 2009, p. 304)

Neste ensaio torna-se nítido o interesse de Kracauer pelo cinema. Como Walter Benjamin, o autor já percebia o surgimento do cinema e o lugar que o mesmo vinha ocupando com o passar do tempo como fenômeno próprio da modernidade. Para além do desenvolvimento da obra de arte em uma sociedade que tinha a técnica como premissa mediadora da cultura, Kracauer percebia o cinema como objeto cultural que espelhava para além de seu conteúdo, mas também em sua forma, os valores que emergiam naquele tipo de sociedade. Além de já preconizar o potencial ideológico do cinema e sua capacidade de desenvolver “a carência de sentido histórico” que era outra característica percebida pelo autor em sua teoria crítica da sociedade (KRACAUER, 2009). Segundo o autor “(...) diante das objetivas, o enganoso e o verdadeiro possuem o mesmo valor. São “objetivos”. ” (KRACAUER, 2009. P. 309)

E com o desenvolvimento de suas análises o caráter ideológico do cinema ganha cada vez mais importância. No ensaio “*As pequenas balconistas vão ao cinema*” (1927), Kracauer já demonstra a tendência da dimensão cultural, mais especificamente a indústria cinematográfica.

Os filmes são o espelho da sociedade constituída. Eles são financiados por corporações que, a todo custo, precisam identificar o gosto do público para obter lucro. O público sem dúvida é composto basicamente por operários e pessoas simples, e o interesse comercial estimula o produtor a satisfazer as necessidades da crítica social de seus consumidores. O produtor, no entanto, não se deixará jamais seduzir por espetáculos que, de algum modo, atacam os fundamentos da sociedade; pois, caso contrário, ele destruiria a sua própria

<sup>6</sup> Ensaio originalmente escrito em 1926 e lançado em português como parte integrante do livro “O ornamento da massa” (2009)

existência como empresário capitalista. (KRACAUER, 2009, p.311)

Para Kracauer os filmes produzidos para o público das classes mais baixas tendem a ser sempre mais burgueses em seus temas, diferentemente dos produzidos para os públicos refinados, pois “(...) tocam em pontos de vista subversivos sem explorá-los, no entanto, introduzem furtivamente uma forma de pensamento respeitável. ” (KRACAUER, 2009, P. 311). Essa crítica sobre o caráter sempre idêntico dos temas produzidos no cinema em muito nos lembram a crítica efetuada por Adorno e Horkheimer (2006) acerca da indústria cultural e sua dimensão de produção do sempre idêntico. Kracauer afirma essa tendência ao mesmo quando associa a produção dos filmes mais “corporativos” e ao alvoroço causado pelo filme de Eisenstein “*O encouraçado Potemkin*”<sup>7</sup>. Reafirmando o caráter de supressão do não-idêntico, Kracauer afirma de maneira até perigosa que “A sociedade é muito poderosa para tolerar películas diferentes daquelas que lhe convêm. ” (KRACAUER, 2009, p. 312). Afirmarões como esta fizeram com que o autor fosse acusado de funcionalista; acusação esta destoante com todo o seu projeto crítico como pretendemos esclarecer no decorrer da exposição. Associado aos conceitos weberianos de racionalização e desencantamento, as análises propostas por Kracauer também possuem resquícios de outras críticas contemporâneas da reificação como as de Simmel e Lukács (HANSEN, 2009).

O pressuposto dialético de sua crítica cultural que toma o cinema como objeto de análise refere-se ao caráter entendido muitas vezes como ambíguo de suas afirmações acerca da dimensão realista e ilusória do cinema. A ideologia aparece como elemento crucial no entendimento de sua proposta de crítica social aliada a uma perspectiva psicanalítica que toma a relação entre ideologia e repressão como conjuntas.

Não se pode negar, contudo, que na maioria dos filmes contemporâneos as coisas são bastante irrealistas. Eles pintam de rosa as instituições mais negras e borram de graxa as vermelhas. Mas com isto os filmes não deixam de refletir a sociedade. Ao contrário: quanto mais incorretamente apresentam a superfície das coisas, tanto mais corretos eles se tornam e tanto mais claramente refletem o mecanismo secreto da sociedade. Na realidade não ocorrerá com frequência que uma faxineira se case com o proprietário de Rolls Royce; por outro lado, não é sonho de todo proprietário de Rolls Royce que as faxineiras sonhem em ascender até eles? (KRACAUER, 2009, p. 313).

<sup>7</sup> Filme soviético de 1925 escrito por Nina Agadzhanova e dirigido por Sergei Eisenstein

Neste sentido, as fantasias cinematográficas não apenas revelam os desejos e anseios reprimidos da sociedade, mas também participam ativamente na repressão de aspectos da realidade que trariam de alguma forma distúrbios as aspirações de plenitude e mobilidade (HANSEN, 2007). O que fica bastante claro é que a dimensão da ordem social imaginária já fazia parte do projeto crítico proposto por Kracauer. O autor afirma que,

Para pesquisar a sociedade atual, seria necessário ouvir aquilo que revelam os produtos da grande indústria cinematográfica. Todos eles revelam um segredo rude sem que na realidade o queiram. Na sequência infinita de filmes um número limitado de temas típicos retorna sempre e eles revelam como a própria sociedade deseja ver a si mesma. A quintessência destes temas é, ao mesmo tempo, a soma das ideologias da sociedade, despidas de seus encantos através da interpretação dos motivos. (KRACAUER, 2009, p. 315)

Também é perceptível em suas obras sobre cinema e cultura de uma forma geral, como essas “fantasias” expostas tanto em filmes como em livros, possuem uma relação estreita com a noção de identidade social e com aos valores morais e sociais comungados por esta. Essa ligação proposta pelo autor fica bastante clara em sua obra mais conhecida “*De Caligari à Hitler: história psicológica do cinema alemão*” (1988), onde o autor irá fazer a associação entre desenvolvimento de uma nova classe média, relação entre os valores dessa classe e os valores democráticos propostos pela República de Weimar e como se deu a adesão dessa classe aos ditames do nazismo, tornando-se uma de suas principais apoiadoras do Terceiro Reich na sociedade alemã.

Nesses primeiros ensaios sobre cinema Sigfried Kracauer já expõe em suas críticas algumas categorias que serão cruciais para o seu projeto sociológico. Ideologia, falsa consciência, reificação - mesmo que este tema seja utilizado de maneira moderada e indireta -, imaginário social e repressão, assim como o ponto crucial de seu interesse sobre o cinema enquanto objeto sociológico: a recorrência dos temas e as formas que esses temas assumem aliado a uma grande perspectiva histórica.

### **Sobre os escombros do passado**

É somente em “*De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*”, originalmente escrito no ano de 1947 e lançado no Brasil apenas em 1988,

que podemos observar uma análise sociológica mais madura, com uma grande pesquisa de base empírica fugindo de uma perspectiva meramente idealista. A obra também expressa um período de transição do próprio projeto de análise cultural proposta por Kracauer. Ele já não se direciona a um objeto cultural novo, mas para um produto cultural legitimado socialmente e utilizado como ferramenta de construção política e ideológica. Diferentemente dos seus primeiros ensaios que já pressagiam o projeto sociológico executado em *“De Caligari à Hitler”*, o contexto histórico em que este texto fora produzido é totalmente diferente, visto que foi iniciado em meados de 1942 e publicado em 1947 (dois anos após o final da Segunda Guerra Mundial).

A proposta inicial da análise sociohistórica proposta por Kracauer foca-se no período entre o final da primeira guerra mundial, o período pós-guerra e o período pré-Hitler. Para o sociólogo alemão, nos filmes produzidos durante os períodos citados já era possível notar a partir da recorrência de temas e elementos específicos nos diferentes gêneros cinematográficos, indícios acerca dos valores socializados durante o período e principalmente pela nova classe média alemã, que figurava entre os principais consumidores da cultura de massa alemã que surgia no período analisado. Kracauer parte da tentativa de compreender quais os fatores sociais e morais que levaram essa nova classe média que assim como o cinema era resultado do desenvolvimento da racionalidade técnica na economia, a configurar-se como uma das principais parcelas da sociedade que aderiram ao projeto nacionalista e totalitário proposto pelo Terceiro Reich.

Neste livro em questão podemos perceber a mudança de uma análise que toma a filosofia da história como um elemento crucial para se entender o filme enquanto objeto cultural emergente, passando assim a uma análise que privilegia a crítica à ideologia (HANSEN, 2009). Mas é importante ressaltarmos que a dimensão histórica agora está atrelada a um direcionamento sobre a construção ideológica acerca da sociedade alemã, não a superação de uma perspectiva por outra.

A dimensão histórica é uma forte ferramenta para se compreender o projeto proposto pelo sociólogo alemão. O autor busca entender os dispositivos psicológicos que compõem a nação alemã, mas enfatiza que ao “Falar-se da mentalidade peculiar de uma nação de modo algum implica o conceito de um caráter nacional fixo. Nosso interesse aqui reside exclusivamente em tais dispositivos coletivos ou tendências que prevalecem em uma nação num certo estágio de seu desenvolvimento” (KRACAUER,

1988, p. 20)

Para Siegfried Kracauer os filmes não são produtos individuais, isto é, não são invenções que nascem exclusivamente da imaginação dos seus realizadores e que se direcionam não a sujeitos específicos mas as massas anônimas (KRACAUER, 1988). Essas obras, como as outras obras culturais analisadas pelo autor, obedecem consciente ou inconscientemente as demandas morais da sociedade em que foram produzidos, ou seja, “O que os filmes refletem não são tanto credos explícitos, mas dispositivos psicológicos - essas profundas camadas da mentalidade coletiva que se situam mais ou menos abaixo da dimensão da consciência. ” (KRACAUER, 1988, p. 18).

Nesse momento para o autor o que coloca os filmes como documentos de verdade não é o que eles trazem como elementos explícitos em suas narrativas, mas o que é obscurecido e ignorado - em termos de realidade social - por estes elementos exaltados. O objeto de análise do cinema proposta por Kracauer passa a centrar-se nas “(...) formulas ideológicas pelas quais o cinema transmuda contradições sociais e econômicas em fábulas de sucesso individual, aventuras exóticas e sentimentalismo” (HANSEN, 2009, p. 26).

Elementos como a submissão das rebeliões, a autoridade, anarquia, violência são temas pictóricos que permeiam todos os filmes produzidos no período analisado pelo autor em “*De Caligari à Hitler*”. O que existe nessas obras é um congelamento de discussões de caráter democrático ou que tragam temas relevantes para se pensar o próprio estado social das novas classes proletárias que surgiam como resultados dos desdobramentos do processo da modernidade, onde “O protagonista errante é reduzido a um tipo social, um filisteu agindo segundo mecanismos historicamente específicos e - retrospectivamente, politicamente fatais- psicológicos” (HANSEN, 2009, 1988).

“*O Gabinete do Dr. Caligari*” (1920) de Robert Wiene e “*Metrópolis*” (1927) de Fritz Lang seriam exemplos do movimento regressivo apontado por Kracauer, que era caracterizado por mostrar uma tendência que obedecia a seguinte sistematização: das rebeliões das massas e mesmo do indivíduo isolado a submissão à autoridade (HANSEN, 2009). Temas como a emancipação humana, segundo Kracauer (1988), são basicamente inexistentes nessas produções culturais e já contextualizariam alguns motivos que ocasionaram a adesão das grandes massas alemãs ao projeto nacionalista hitleriano. Para Adorno,

O Caligari, rico em análises técnicas pontuais, desdobra, de maneira bastante luminosa, a história do cinema alemão após a Primeira Guerra como história do poder totalitário transformando-se na ideologia em avanço. Entretanto, essa tendência não estava em absoluto restrita ao cinema alemão; decerto ela culminou no King Kong norte-americano, verdadeira alegoria do monstro desmesurado e regressivo em que se desenvolveu a coisa pública; para não falar da reabilitação de Ivan, o terrível e de outras figuras abomináveis na Rússia stalinista. (ADORNO, 2009, p. 20)

Siegfried Kracauer afirma que o exposto no transcórre da análise sociológica presente no livro sobre cinema alemão não se restringe unicamente a experiência singular da sociedade alemã. O estudo das estruturas psicológicas e das próprias nuances dos desejos apreendidos na recorrência de certas temáticas através dos filmes poderia ser usado “ (...) como meio de pesquisa pode ser proveitosamente estendido aos estudos sobre o atual comportamento das massas nos Estados Unidos e em outros países. ” (KRACAUER, 1988, p.7)

O imaginário social passa a ser um elemento crucial segundo Siegfried Kracauer para se entender a própria ideia da experiência social contemporânea. A análise sociológica proposta pelo autor toma o filme como um fato social (ADORNO, 2009) tendo como aliada metodológica uma filosofia histórica e crítica da ideologia, além de tomar o elemento moral como crucial para o próprio desenvolvimento de sua crítica cultural. Todos esses elementos estão presentes em “*De Caligari a Hitler*” como também uma ampla pesquisa de caráter empírico - para o autor a recorrência dos temas pictóricos é essencial para se compreender os dilemas sociais que são expostos nesses produtos culturais.

### O que os filmes (ainda) podem nos dizer

Dando continuidade a sua análise cultural, Siegfried Kracauer escreve em 1948 um ensaio intitulado “*Hollywood’s Terror Films: do they reflect an American state of mind?*”, que foi reunido a outros ensaios e publicado em 2012 no livro intitulado “*Siegfried Kracauer’s American Writings: Essays on Film and Popular Culture*”. Diferentemente dos ensaios publicados em “*O ornamento da Massa*” (2009) e do seu livro “*De Caligari à Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*” (1988) que tomam como objeto de análise as obras cinematográficas produzidas no período pós Primeira Guerra e o período relativo a instauração e queda da República de Weimar,

este ensaio direciona-se exclusivamente a produção cinematográfica americana do período pós Segunda Guerra Mundial.

Para Kracauer os filmes que tinham como a violência e o sadismo as figuras centrais de suas narrativas estouraram de forma aterradora no período que compreendeu a Segunda Guerra mundial. O autor percebe que a recorrência desses temas pictóricos estava diretamente ligada a construção no imaginário social do inimigo alemão. Toda violência e irracionalidade era direcionada nessas obras a construção de um imaginário social que direcionasse de forma objetiva o reconhecimento dos inimigos nazistas, os inimigos da nação americana. Mas uma vez que a guerra terminara e os Estados Unidos se consagraram os vencedores, como explicar a popularidade cada vez maiores dos filmes que tomassem o horror e a violência como cruciais para seu desenvolvimento narrativo?

O sociólogo alemão percebe a relação entre a violência gráfica presentes nos thrillers americanos e uma nova tendência moral própria ao contexto pós-guerra. O medo agora passa a ser uma demanda que está intimamente associada ao desenvolvimento de uma ética narcísica, denunciada por Adorno e Horkheimer em sua *“Dialética do Esclarecimento”* (2006) e a predileção a centralidade dada a questão da autopreservação no contexto do capitalismo tardio, que é uma consequência dos desdobramentos da racionalidade instrumental aliada a perspectiva do valor produzido nas relações de produção. Esse caráter narcísico, que se torna posteriormente uma pauta de um amplo debate empreendido pela teoria social de uma forma geral<sup>8</sup>. Essas demandas da vida privada estão muito bem apresentadas nos desenvolvimentos e desfechos das histórias apresentadas nestas películas. Para Kracauer estes filmes possuiriam como único objetivo provocar um efeito de terror que seria potencializado com o sofrimento sem sentido e as perseguições arbitrárias sofridas pelos protagonistas presentes nestes filmes.

Apprehension is accumulated; threatening allusions and dreadful possibilities evoke a world in which everybody is afraid of everybody else, and no one knows when or where the ultimate and inevitable horror will arrive. When it does arrive it arrives unexpectedly: erupting out of the dark from time to time in a piece of unspeakable brutality. (KRACAUER, 2012, p.42)

Para chegar à conclusão apresentada acima sobre o sentido dado ao efeito do

terror, Kracauer recorre a uma breve análise dos filmes produzidos anteriormente que tinham a violência e o sadismo como elementos cruciais. Os filmes de gangsteres, dentro da perspectiva apresentada pelo autor, que foram muito populares no período da depressão americana eram imbuídos de justificativas ao abuso social enquanto os thrillers produzidos no período pós-segunda guerra trazem como vilões não as condições sociais, mas sim aberrações psicológicas.

Kracauer aponta também a não preocupação destes tipos de filmes em oferecer soluções, onde o medo nesses filmes apresenta-se enquanto onipresente e como ameaça a integridade psíquica dos cidadãos médios e também como inevitável (KRACAUER, 2012).

O medo é um recuso utilizado para a construção de uma sensibilidade que reflete muito da experiência social do capitalismo tardio. O que aproxima o autor mais uma vez de Adorno quando assim como ele denuncia a relação entre fascismo e possibilidades objetivas próprias das sociedades capitalistas. Kracauer associa esse medo onipresente - o seu efeito do terror - como um recurso de construção ideológico acerca do perigo imanente as minorias sociais:

The problems to which these current trends in Hollywood film-making lead can barely be touched upon in the space of this brief article. That the kind of horror formerly attributed only to life under Hitler, in the anti-Nazi thrillers, has now been acclimated to the American scene, is more than accidental. Aside from the genuine and constant affinity between sadism and fascism, it seems probable that the sadistic energies at large in our society at the present moment are specifically suited to provide fuel for fascism. And it is in these energies, in this emotional preparedness for fascism, that the real danger lies, more than in the agitators and rabble-rousers who, when the circumstances are right, will be able to manipulate them for tangible ends. Hatred of minorities feeds on the fears of the majority, and unless these fears subside the hatred will continue to multiply. (KRACAUER, 2012, p. 46)

O medo denunciado por Kracauer aparece como consequência das potencialidades autoritárias que são inerentes a qualquer economia planejada (KRACAUER, 2012). Onde,

Democracy, with its individual freedom, seems economically out of joint, so that it must resort to makeshifts and breed nightmarish dreams of fascist pseudo-solutions worse than the ills they are intended to cure. Shall we be able to preserve individual freedom under collectivism? (KRACAUER, 2012, p. 46)

Aqui também é possível que percebamos uma análise que busca o seu referencial valorativo na experiência histórica, aliada a uma dimensão ideológica sobre não o que é mostrado na película, mas sobre o que não é denunciado (HANSEN,

2009). Apesar de uma certa marginalidade deste ensaio na bibliografia do sociólogo alemão, ele nos serve como indicio da atualidade de sua crítica social. Uma vez que os valores sociais que são denunciados por Kracauer são resultados do processo histórico de desenvolvimento do capitalismo, ou seja, os desdobramentos de uma economia planejada, tonar-se cada vez mais relevante que uma sociologia do cinema como a proposta pelo autor seja executada com o intuito de tentar compreender os desdobramentos da vida social contemporânea - lembrando também do caráter quase institucional que o cinema ocupa na sociedade atual.

### Considerações Finais

Com o que foi anteriormente apresentado é possível localizar certos elementos que caracterizam o interesse pelo cinema como objeto de análise sociológico por Siegfried Kracauer. Mais do que apenas expressão da representação, o cinema nestes termos apresentados pelo autor figura também como expressão material de uma apresentação histórica particular como apontado por Miriam Hansen.

Se o cinema quer, como a fotografia, assumir tal função cognitiva de registro, ele precisa aderir ao mundo das aparências, à superfície muda, externa, do mundo. O cinema não se relaciona com aquele mundo, no entanto, na forma de uma representação icônica (...), mas na forma de um índice impresso do processo histórico, exibindo o estado de agregação do presente. (HANSEN, 2009, p. 18-19)

Tal perspectiva é o que nos permite estabelecer uma ponte com um ensaio, *“Huxley e a Utopia”* (1998), de Theodor Adorno, por exemplo. Esse texto traz uma gama de similitudes com a perspectiva exposta por Kracauer acerca dos objetos culturais como índices históricos. Ao discutir os elementos apresentados em *“Admirável mundo novo”* escrito por Aldous Huxley, Adorno demonstra que a obra literária em questão diferente da sua proposta explícita de falar dos caminhos tortuosos que a humanidade pode tomar em um futuro não muito distante, na verdade nos fala muito mais do nosso presente.

A partir da construção de um mundo regido pelos ditames da instrumentalidade técnica Huxley está expressando os temores da própria intelectualidade burguesa, visto que o mesmo se encontrava como pertencente a este estrato social. Existe todo

um caráter ideológico que permeia a obra que direciona a sua compreensão enquanto crítica exclusivamente direcionada a um modelo de sociedade.

Assim como Sigfried Kracauer, Theodor Adorno percebia como necessário para a compreensão dos produtos culturais contemporâneos a relação entre a obra e a sociedade em que ela fora produzida. Os dois teóricos alemães tinham como premissa epistemológica a relação entre objetos e coisas a partir da compreensão de um mundo reificado. Para ambos era necessário entender a relação entre objetos e sujeitos, assim como o quanto de um estavam impressos nos outros, como também a centralidade dos valores morais como objeto de suas respectivas análises.

O cinema para Kracauer figuraria como “(...) uma crítica prática dos escombros da cultura burguesa, de tentativas anacrônicas de esconder o verdadeiro estado de desintegração e instabilidade, (...)” (HANSEN, 2009, p. 21), isto é, o cinema teria como função expressar os dilemas e contradições da sociedade em que fora produzido e não a intenção de resolver esses problemas. Na verdade, esses problemas eram deformados, embelezados e distorcidos, reprimindo assim uma realidade social, suas tensões e contradições.

O caráter ideológico do cinema e sua administração das sensibilidades eram problemas cruciais para a análise proposta pelo autor. Os verdadeiros problemas tais como pauperização, alienação cada vez maior dos estratos sociais eram substituídos nestas obras por exemplo por temas como mobilidade social, mantendo assim um modelo de esperança e expectativa próprio de um mundo reificado.

Apesar da necessidade de uma pesquisa mais demorada, tendo em visto a grande produção bibliográfica sobre o cinema produzida por Siegfried Kracauer, o que desejamos nessa sistematização de algumas de suas obras que tomam o cinema como objeto central de suas análises, assim como alguns pontos referentes a sua análise cultural de uma forma mais ampla, foi recortar o horizonte metodológico da análise sociológica proposta pelo mesmo. Localizar o filme como índice histórico, portanto, envolto em valores específicos assim como um instrumento que carrega consigo um certo caráter de fantasmagoria e subsunção da realidade a determinadas construções ideológicas, aliada a uma recorrência estrutural de determinados temas e elementos em suas narrativas. Nessa perspectiva que toma o processo histórico como dinâmico torna-se de grande importância para a teoria social e mais precisamente para a sociologia da cultura, o resgate de uma perspectiva de análise do cinema como a

proposta por Siegfried Kracauer.

Em um mundo onde as demandas de produção cultural - principalmente as audiovisuais - nos são oferecidas a exaustão e possuindo a recorrência de gêneros específicos e de elementos específicos que percorrem diferentes formas e estilos de produção cinematográfica, uma sociologia do cinema como a proposta por Kracauer torna-se de suma importância para compreendermos a relevância de pesquisas que tomem estes artefatos culturais como objetos de análise.

## Referências

- ADORNO, Theodor. **O curioso realista**. *Novos Estudos - Revista de Ciências Sociais* n. 85 de novembro de 2009 - p. 5-22.
- ADORNO, Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRITTO, Simone. **Vida Falsa: Adorno e a experiência moderna sob o ponto de vista da moral**. *Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais* n. 26 de abril de 2007 - p. 57-83.
- HANSEN, Miriam B. **Estados Unidos, Paris, Alpes: Kracauer (e Benjamin) sobre o cinema e a modernidade**. IN. CHARNEY, Leo; SCHAWARTZ, Vanessa (orgs.). *O Cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- HANSEN, Miriam B. **Perspectivas descentradas**. IN. KRACAUER, S. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- KRACAUER, Siegfried. **De Caligari à Hitler: Uma história Psicológica do Cinema Alemão**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- KRACAUER, Siegfried. **Hollywood's Terror Films: do they reflect an American state of mind?**. IN. KRACAUER, S. *Siegfried Kracauer American Writings: Essays of film and popular culture*. California: University of California Press, 2012.
- KRACAUER, Siegfried. **O ornamento da massa**. São Paulo: CosacNaify, 2009.
- MACHADO, Carlos E. J. **Notas sobre Siegfried Kracauer, Walter Benjamin e a Paris do segundo Império - Pontos de contato**. *História* v. 25 n. 2 2006 - p. 48-63.
- SANTOS, Patrícia S. **Benjamin e Kracauer: elementos de uma epistemologia de "trapeiros"**. *Sociologia & Antropologia* v. 03.06 de novembro de 2013 - p. 489-508.

Recebido: 30 jun 2019

Aceito: 15 jul 2019